

PAULO LINS

1ª reimpressão

CIDADE DE DEUS

Romance



instantaneamente sacou a arma e atirou. O tiro passou perto da cabeça de seu Joaquim, que foi ao chão, deixando a bolsa cair. Terremoto apanhou a bolsa, onde encontrou apenas um pequeno pedaço de pau; em seguida, mandou que seu Joaquim o levasse até sua casa, onde revirou tudo e, irado por não encontrar a tal pistola, mandou que ele se afastasse e desferiu apenas um tiro no centro de sua testa.

Saiu dali às pressas e foi direto para a Treze, onde informou ter acabado de matar um otário. Parou numa birosca, bebeu um refrigerante em goles largos, atravessou as vielas da Treze, parou numa esquina onde Meu Cumpádi fumava um baseado e contou com certo orgulho como seu Joaquim morrera.

— Ele tava encostado na parede, aí, eu sentei o dedo e ele foi caindo assim, colado na parede.

Meu Cumpádi viu seis teleguiados da Treze vindo de arma em punho pelas costas de Terremoto e não o avisou; sabia que aquele assassinato fora a gota d'água para a sua morte. Terremoto, quando notou a presença dos teleguiados, encostou-se no muro, ia repetir o que acabara de contar para Meu Cumpádi, porém recebeu um tiro, também na testa. Meu Cumpádi o viu caindo da mesma forma que seu Joaquim caíra.

Lá em Cima, a guerra estava praticamente terminada: os homens de Messias mataram a maioria dos inimigos, Ratoeira fora preso e o restante conseguiu fugir da favela. Os moradores das Últimas Triagens deram graças a Deus pelo final daquela saga, porque Messias e seus homens fizeram buracos nas paredes divisórias das pequenas habitações para fugir dos inimigos e da polícia. Entravam numa casa a qualquer hora da noite ou do dia, atravessavam os buracos e saíam distantes dos inimigos ou da polícia.

A quadrilha da Treze, para tomar a boca-de-fumo dos Apês, dividiu-se em grupos de dez, os quais entraram por seus vários acessos. O combate durou dois dias. Nesse combate, morreram

oito caixas-baixas, dois bandidos da Treze, um policial militar, e vários foram baleados.

Apesar de ter um número bem menor de homens, a Caixa Baixa não correu, trocou tiros até a morte. Otávio se esgueirou nessa batalha o quanto pôde para surpreender três inimigos e rendê-los. Disse-lhes que não iria matá-los, que só queria dar uma idéia. Levou-os para perto da figueira mal-assombrada, onde os matou da maneira habitual e que muito lhe dava prazer: mandando reabrir a cova, em seguida enfiando bala na testa e depois retalhando o corpo a facão.

Messias mandou dizer a Borboletão e a Tigrinho que, se estes não fossem dar tiros Lá em Cima, eles não viriam dar tiro na Treze e, se Cenoura pintasse na área, eles mesmos o matariam.

— Tá direito! — disse Borboletão ao avião de Messias.

A paz era novamente soberana, e só quem continuou, por mais um tempo, matando aqueles que roubavam, assaltavam ou estupravam na favela foi Otávio, que colocou trinta corpos num só buraco e que, quando não os matava, cortava-lhes as mãos a golpes de machadadas. Porém, de uma hora para a outra, converteu-se ao protestantismo e passou a pregar perto das bocas-de-fumo, dizia que praticara aqueles crimes porque o Diabo tomara conta de seu corpo. Os bandidos o respeitavam porque sempre respeitaram os evangélicos. Foi preso numa noite em que voltava da igreja, ficou detido por dois anos. Depois de liberado, casou-se e teve filhos. Todo domingo, visitava presídios para tentar converter os internos; no entanto, a polícia, quando o via, não acreditando em sua conversão, dava-lhe surras, até mesmo na frente da esposa e dos filhos.

Otávio rasgou a Bíblia, queimou o terno com o qual costumava ir aos cultos e foi à boca pedir a Borboletão uma pistola para matar somente policiais.

Jaquinha, Laranjinha e Acerola, agora casados, continua-

vam a se encontrar para fumar um baseado e recordar os velhos tempos, hábito tornado raro no tempo da guerra.

Bastiana voltou a trabalhar em casa de madame, mas só para não ficar parada, já que não precisava disso, pois sua filha mais velha casara-se com um canadense que a levou para o Canadá, de onde todo mês lhe mandava um bom dinheiro.

Busca-Pé, depois de militar vários anos no Conselho de Moradores, casou e mudou, conseguiu se estabelecer como fotógrafo, mas volta e meia retornava à favela para visitar a mãe e rever os amigos.

Rodriguinho foi preso assaltando uma casa no largo da Taquara, e no presídio da Água Santa encontrou Zezinho Cara de Palhaço, tratou de contar para o líder de sua cadeia o que ele fizera com Marisol.

— Manda teu irmão vim aí numa visita, pra gente desenrolar.

E foi numa tarde de domingo de sol quente que Marisol entrou em sua cadeira de rodas no presídio. O líder mandou que os internos ficassem encostados à parede e Cara de Palhaço no centro de um pátio. Marisol, a menos de um metro de Cara de Palhaço, somente o olhou firme, movimentando, em seguida, a cadeira para a retaguarda.

— Qualé, Cara de Palhaço? Fala alguma coisa aí!

Cara de Palhaço não disse nada e no outro dia amanheceu enforcado em sua cela.

Torneira foi preso num assalto a banco em Copacabana e seus vapores abandonaram o tráfico. Tempos depois, ali onde era a sua boca formou-se uma quadrilha cujos líderes eram primos de Cenoura. Este voltou a freqüentar a favela e a combater

novamente os bandidos Lá de Cima. No entanto, foi preso logo no início desse conflito.

Na véspera de um Natal chuvoso, na praça da Loura, trinta homens desceram de vários táxis, todos armados de metralhadoras, somente Pequeno portava uma pistola. Gordo, calça de linho e camisa de seda, dizia para seus soldados o caminho a ser seguido. Chegaram à Treze, onde ninguém fazia segurança, porque era Natal e, em datas como essas, os bandidos sempre começam a beber cedo. Olhava para todos os lados, até que encontrou Borboletão, que tentou correr, pensou que os homens de Pequeno eram policiais.

— A gente veio dar idéia... Sou eu, rapá, Zé Pequeno!

Borboletão parou atrás de um muro, reconheceu a voz do bandido.

— O caso é o seguinte, morou? Eu quero o Apê de volta porque aquela área é minha!

— Craro!

— Quando vocês quis ficar com essa boca aqui, eu não falei nada, morou? A gente combateu aí junto, nunca teve piranhação, só Biscoitinho que tentou entrar numa, mas só ficou naquilo mermo, morou?

— A gente só prendeu lá porque a Caixa Baixa tava esculachando todo mundo, tá me entendendo? Pode prantar lá, mas deixa a gente só vender a carga que tá lá e pronto.

Depois da conversa, beberam no mesmo copo, Tigrinho dava tiros para o alto, cheiraram cocaína, beberam vinho, uísque e cerveja, e Pequeno saiu dali com a certeza de que voltaria em definitivo no dia 31 de dezembro.

O bandido tinha sua prepotência renovada e planos para ser novamente o dono de Cidade de Deus, e para isso já tinha planejado com seus parceiros de Realengo um ataque surpresa na Treze logo na primeira semana de seu novo mandato nos Apês, depois atacariam Lá em Cima. Acreditava que todos ali tinham medo dele, porque sempre fora ruim e a ruindade é a melhor

coisa que pode se estabelecer num bandido para ser respeitado. Para ele não existia paz, arrependimento, não fazia nada de que não pudesse colher frutos depois, tudo que fazia de bem, jogava na cara do beneficiado, pois sofria quando não era retribuído, destruindo assim tudo que não passasse pela sua cruel compreensão de mundo, de vida, de relacionamento. Tinha o poder de trazer à tona a violência do fundo dos homens e multiplicá-la a seu bel-prazer. Falava sozinho pelos cantos da sala, do quarto, da cadeia e da liberdade, qualquer coisa que ele entendesse como agressão a sua pessoa era devolvida em forma de morte. Era ele senhor de seu desengano, dono da ruindade de nunca perdoar, de aniquilar o que não coubesse nos liames de sua compreensão bandida, de inventar coisas que o outro não tinha feito para ter motivos para exercer a sua crueldade. Era um verme sob o signo de leão.

A lua quase morta em cima de um tempo nublado vez por outra dava sinais de vida, estrelas apagadas e somente fogos de final de ano iluminando a noite, a noite de Pequeno, a noite em que seria de novo o dono de Cidade de Deus. Passou na Treze e não encontrou nenhum dos líderes, deixou recado para Tigrinho e Borboletão dizendo que já estava plantado nos Apês e que, se ainda estivessem traficando por lá, ele iria mandar parar. Rumou para os Apês dirigindo um Corcel azul. Foi direto para as lojinhas, onde abraçou a rapaziada do conceito, pagou balas para as crianças, dizendo que havia aprendido a ler e dirigir, que mandava em Realengo, mas ali era o lugar em que mais gostava de mandar.

Às onze e meia, um menino o avisou que Tigrinho e Borboletão estavam lá no Morrinho esperando para uma conversa, mas que ele fosse desarmado porque conversa era conversa. Nada de guerra.

— Quer conversar o quê, quer conversar o quê? Hein? Hein?

— Eles falou que é pro teu próprio bem.

Ficou um tempo calado, pensou em não ir, mas se não fosse poderiam pensar que estaria com medo de alguma coisa. Era o Zé Pequeno, não tinha medo de nada.

— Tá bão, tá bão, diz a eles que vou acabar de tomar a saideira e vou lá... Vai, vai, vai lá avisar eles, vai!

Esperou que o menino se afastasse, olhou em volta e viu que não tinha ninguém da Treze o observando, retirou uma pistola da cintura, colocou numa cartucheira presa ao tornozelo, seus parceiros ajeitaram suas armas cada um à sua maneira e dirigiram-se para o Morrinho.

A praça do Morrinho vazia, somente Tigrinho e Borboletão agachados entre um poste e um muro. Haviam mandado alguns de seus soldados se entocar nos prédios e, ao primeiro estampido, entrar em combate.

Pequeno caminhou com seus parceiros até Tigrinho e Borboletão.

— A gente resolvemos que a boca vai ficar com nós mesmo, tá me entendendo? Não tem nada que a boca era tua não, tá ligado? A gente não tomamos boca de você, tomamos dos caras que tomou de você, tá me entendendo? — afirmou Tigrinho.

— Qualê, cumpádi? A gente não tinha combinado que...

Borboletão interrompeu, enfatizou o que seu parceiro disse. Pequeno, sem lhe dar ouvidos, dissimuladamente levou a mão à testa, olhou para um dos parceiros e fez o sinal-da-cruz. Tigrinho, que o observava atentamente, retirou a pistola da cintura, deu um tiro no abdômen de Pequeno e saiu correndo junto com Borboletão. Ao estampido desse primeiro tiro, houve um alvoroço e os teleguiados, que estavam entocados, debandaram desorientados. Pequeno e seus parceiros se aproveitaram da confusão e desceram a ladeira atirando para todos os lados. Na fuga, Pequeno atingiu em cheio o crânio de um teleguiado.

Os quatro atravessaram a praça dos Apês, enfiaram-se no primeiro prédio, entraram num apartamento onde uma família comemorava a passagem do ano. Os bandidos mandaram que fechassem a porta, Pequeno sentou-se no sofá, revirou os olhos, estrebuchou e morreu quando começava a queima de fogos para a entrada de mais um Ano-Novo.

Seus parceiros subiram mais três andares, entraram em outro apartamento e renderam os moradores. Quando amanheceu o dia, saíram calmamente do prédio, pegaram o ônibus e foram embora para Realengo.

Lá na Treze, Tigrinho, bem cedinho, mandou um menino moer vidro, colocá-lo dentro de uma lata com cola de madeira. Depois do cerol feito, passou-o na linha 10 esticada de um poste ao outro. Esperou o cerol secar na linha, fez o cabresto, a rabio-la e colocou uma pipa no alto para cruzar com outras no céu.

Era tempo de pipa na Cidade de Deus.

NOTA E AGRADECIMENTOS

Este romance se baseia em fatos reais. Parte do material utilizado foi extraído das entrevistas feitas para o projeto "Crime e criminalidade nas classes populares", da antropóloga Alba Zaluar, e de artigos nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Dia*.

Mais especificamente, a primeira parte do livro foi escrita enquanto se desenvolviam os projetos de pesquisa "Crime e criminalidade no Rio de Janeiro" (que contou com o apoio da FINEP) e "Justiça e classes populares" (apoio CNPq, FAPERJ e FUNCAMP), ambos coordenados por Zaluar. A própria idéia do romance surgiu no decorrer dos trabalhos ligados ao projeto, a partir do momento em que a coordenadora começou a redigir seus artigos. Trabalhei com ela durante oito anos, e agradeço seu incentivo constante.

A segunda e a terceira partes do romance foram concebidas com o apoio precioso de Roberto Schwarz, Virgínia de Oliveira Silva e Maria de Lourdes da Silva. Devo a Roberto Schwarz, em especial, a orientação e o incentivo em relação a minha candidatura à Bolsa Vitae de Artes.

Agradeço, finalmente, à Fundação Vitae que, concedendo-me uma bolsa, deu-me condições de acabar de escrever o romance e dar ao texto sua forma final.

Agradeço a colaboração das seguintes pessoas: Maria de Lourdes da Silva (pesquisa histórica e revisão), Virgínia de Oliveira Silva (pesquisa de linguagem e revisão), Álvaro Marins, Edmundo Gomes da Silva, Ednaldo Gomes da Silva, Eduardo Gomes da Silva, Edwaldo Cafe-

Marreco, Cabeleira e Alicate passaram correndo pelo Lazer, entraram na praça da Loura, saíram em frente ao bar do Pingüim, onde estava parado o caminhão de gás.

— Todo mundo quetinho, senão leva tiro! — ordenou Marreco com dois revólveres na mão.

Cabeleira se posicionou do lado esquerdo do caminhão. Marreco no lado oposto. Alicate foi à esquina observar uma eventual chegada da polícia. Os transeuntes saíam de fininho; quando ganhavam distância apressavam o passo. Somente as duas velhas que naquele exato momento iriam comprar gás não arredaram pé. Pareciam plantadas naquele chão, tremendo, rezando o Credo.

Os entregadores levantaram as mãos e avisaram que o dinheiro estava com o motorista, que justamente tentava em vão escondê-lo. Cabeleira o observava. Mandou que se deitasse com os braços estirados, revistou-o, pegou o dinheiro, deu um chute no rosto do trabalhador para ele nunca mais dar uma de esperto.

Alicate anunciou a todos que o gás era por sua conta, não precisavam trazer botijão vazio para trocar pelo cheio. O caminhão ficou vazio em minutos.

— Aí, vamo subir por aqui — sugeriu Marreco.

— Não, vamo pelo Lazer que é mais aberto, morou? Dá pra ver todo mundo e vamo dar os berro pra Creide levar — disse Alicate.

— Que nada, cumpádi! — rebateu Marreco. — Bandido que é bandido tem que andar é trepado, morou? Não vou andar na mão baludo, não. Sabe lá se aparece alguém aí pra sabarcar nosso dinheiro? A gente nem sabe quem é quem aqui, cumpádi! Tá pensando que só tem nós de bicho-solto aqui, xará? Aqui só tem favelado! Tem nego até da Baixada entocado por aí: E se os samango pia na parada? Como é que você vai trocar com eles? Na mão é que não vai dar! — concluía Marreco sem perder o ritmo da caminhada.

Cleide, que estava no bar do Pingüim na hora do assalto, resolveu acompanhá-los a distância.

Cabeleira nada falou. Alguma coisa o fez lembrar-se de sua família: o pai, aquele merda, vivia embriagado nas ladeiras do morro do São Carlos; a mãe era puta da zona e o irmão, viado. A mãe piranha até que passava, era conhecida por sua personalidade forte, não levava desaforo para casa, tinha palavra e era respeitada no Estácio. O pai também não era o seu maior problema, porque, quando sóbrio, as crianças não riscavam seu rosto de giz, não lhe roubavam os sapatos, e, apesar disso tudo, ele era bom de briga e ritmista da escola de samba. Mas o irmão... era muita sacanagem... Ter um irmão viado foi uma grande desgraça em sua vida. Imaginava o Ari chupando o pau dos paraibas lá na Zona do Baixo Meretrício, dando o cu para a garotada do São Carlos, fazendo troca-troca com marinheiros e gringos na praça Mauá, comendo bunda de bacana nos pulgueiros da Lapa. Não aceitava que seu irmão passasse batom, vestisse roupas de mulher, usasse perucas e sapatos de saltos altos. Lembrou-se também daquela safadeza do incêndio, quando aqueles homens chegaram com saco de estopa ensopado de querosene botando fogo nos barracos, dando tiro para todos os lados sem quê nem porquê. Fora nesse dia que sua vovó rezadeira, a velha Benedita, morrera queimada. Já não podia sair da cama por causa daquela doença que a obrigara a viver deitada. “Se eu não fosse molequinho ainda”, pensava Cabeleira, “eu tirava ela lá de dentro a tempo e, quem sabe, ela tava aqui

comigo hoje, quem sabe eu era otário de marmita e o caralho, mas ela não tá, morou? Tô aí pra matar e pra morrer.” Um dia após o incêndio, Cabeleira foi levado para casa da patroa de sua tia. Tia Carmem trabalhava no mesmo emprego havia anos. Cabeleira ficou morando com a irmã da mãe até o pai construir outro barraco no morro. Ficava entre o tanque e a pia o tempo todo e foi dali que viu, pela porta entreaberta, o homem do televisor dizer que o incêndio fora acidental. Sentiu vontade de matar toda aquela gente branca, que tinha telefone, carro, geladeira, comia boa comida, não morava em barraco sem água e sem privada. Além disso, nenhum dos homens daquela casa tinha cara de viado como o Ari. Pensou em levar tudo da branca-lhada, até o televisor mentiroso e o liquidificador colorido.

Quando passaram em frente ao Mercado Leão, Cabeleira avistou uns rapazes jogando bola num terreno coberto de pó-de-pedra e disse aos parceiros:

— Aí, cumpádi, pode ter nego de bicho aí, morou? E pode até ser igual a mim, mas mais do que eu não, tá sabendo? Não acredito em sugestão de ninguém. Se nego vim tirar chinfra comigo, eu aperto o dedo em cima. Aí, diz duvido eu tirar uma chinfra com esses otários aí.

— Duvido! — apostaram Marreco e Alicate.

Aproximaram-se do posto médico. À esquerda, a rapaziada jogava bola:

— Aí, pára a bola e manda ela pra cá que agora ela é minha. Se não mandar a redonda o bicho pega! — ameaçou Cabeleira com a arma engatilhada.

Um rapaz assustado trouxe-lhe a bola. Cabeleira fez embaixadas, controlou a bola com os dois pés, jogou-a para o peito, do peito para a coxa esquerda, depois para a cabeça.

— O garoto é bom, tem habilidade! — elogiou Alicate.

Por fim, Cabeleira, depois de fazer a bola rebolar por vários minutos, chutou-a para o alto. A bola voltaria ao seu peito numa matada perfeita, mas que nada, Cabeleira apertou o gatilho e a bola caiu já sem vida. Alicate e Marreco gargalharam, Cabeleira,

porém, ficou sério, deixando escapar um olhar irado que dava continuidade ao som do tiro. Impôs silêncio atirando suas retinas sem brilho no rosto de cada um num lance rápido, como se fossem todos culpados da desgraça que era sua vida. Depois de alguns segundos, deu-lhes as costas. Os amigos acompanharam-no.

Lá embaixo, Salgueirinho, Pará e Pelé fumavam um baseado na beira do rio:

— Os cara deixaram eles vender quase tudo e depois ganharam eles Lá na Frente. Arrumaram um pichulé maneiro, deu gás para todo mundo e, ainda, tiraram uma onda com aqueles cara que bate pelada lá no Sangue e Areia. Salta a franga aí, cumpádi! — disse Pelé, entusiasmado com a possibilidade de também assaltar o caminhão de gás.

— Que Sangue e Areia, cumpádi? — perguntou Salgueirinho.

— Aquele campinho de pó-de-pedra, ali perto do mercado.

— Quem são esses cara que tão de bicho-solto aí na área? — indagou Pará, passando o baseado para Pelé.

— É Marreco, Cabeleira e Alicate. Cabeleira eu conheço do São Carlos, o Marreco é cria lá da Cachoeirinha, e Alicate, se for quem tô pensando, é lá do Escondidinho — respondeu Salgueirinho.

— Só sei que o outro caminhão é meu, morou? Tem pra todo mundo, é só não crescer o olho! — avisou Pelé.

— Cuidado que Cabeleira é danado. Se deparar com ele, tem que ter atitude, senão o bicho pega, tá sabendo? Mas se falar meu nome, ele aceita uma idéia...

— Comigo não tem essa não, cumpádi! — interrompeu Pelé. — Não tenho medo de marra de cão, não. Não quero arrumar arengação com ninguém não, mas se vim de vacilação, não vai ter essa de desenrolar idéia não, cumpádi. Boto logo o bicho pra pegar também!

— Um tem que respeitar o outro. Cada um tem que sentir

que o inimigo é a polícia, sabe qualé que é? Não quero meus amigo de rixa não — alertou Salgueirinho.

— Sujou! — anunciou uma voz vinda de um beco entre as casas de triagem da Quadra Treze.

Salgueirinho saiu em disparada pela ponte da Cedae, deu a volta pelo lado esquerdo do lago, Pelé e Pará foram no vácuo dele; ganharam a parte do charco que sobreviveu aos aterros. Uma cobra se assustou com a correria, mas passou despercebida pelos três. Tomaram a direção da figueira mal-assombrada para em seus galhos fumar outro baseado e observar os policiais fazendo revista nas casas de triagem da Quadra Treze.

Os leiteiros já haviam passado. A garotada assistia National Kid. Os que não tinham televisor iam para a janela do vizinho apreciar as aventuras do super-herói japonês. O sol já havia se distanciado da serra do Grajaú, um vento raivoso sustentava as pipas que se cruzavam no céu. Alternadamente pequenos nevoeiros de poeira vermelha nasciam e morriam ao longo das ruas de barro batido, as crianças uniformizadas que saíam dos colégios enchiam os olhares. Já dera meio-dia.

Lá em Cima, Marreco, Cabeleira e Alicate dividiam o dinheiro na casa deste, enquanto Cleide preparava uma sopa de legumes e dizia:

— O motorista de branco ficou vermelho. Não sei como ele não se cagou... Me deu pena dele, sabe? Mas achei engraçado. Agora, aquelas velhas me deu foi dó, as coitadinha tremia que nem vara verde. Não sei como elas não deu um troço.

— Mas eu nem aponte os berro pra elas! — disse Marreco.

— O que que tem? Só de ver os ferro, elas podia ficar durinha ali mesmo.

— Mas na hora de apanhar o gás elas bem que gostou — concluía Marreco.

— Que nada, quando começou juntar gente, elas deu no pé — finalizou Cleide.

Marreco saiu de perto dos amigos, pensou em entrar no banheiro, mas preferiu ir para fora da casa. Uma tristeza acompanhava seus passos, não escutava mais o que os amigos di-

ziam, sentia calafrios, foi para o fundo do quintal, sentou-se com a cabeça encostada na parede da casa e deixou as lágrimas se desentocarem dos olhos. Não foram as velhas que o deixaram triste, elas apenas o fizeram lembrar de uma outra ocasião, quando foi assaltar o caminhão de gás sozinho e a polícia surgiu na hora; não dava para correr sem atirar e foi o que fez. Uma das balas do seu revólver estuporou a cabeça duma criança. Ele viu o nenê balançar no colo da mãe e os dois caírem no chão com o impacto do tiro. Repetia para si mesmo que aquele crime fora sem querer, numa tentativa de aliviar-se da culpa, porém o desespero de ter matado uma criança tomava conta dele sempre que se lembrava disso. Sabia que poderia arrepender-se de seus pecados e ganhar o reino dos Céus, mesmo assim aquele pecado era muito grande, sempre ouvira os pais falarem dos pecados mortais. Não tinha jeito, iria direto para o quinto dos infernos. Olhou para o céu, depois para o chão, concluiu que Deus ficava muito longe. Os aviões voavam alto e não chegavam nem perto do paraíso. A Apollo 11 só fora até a Lua. Para chegar ao céu tem que passar por todas as estrelas e as estrelas ficam longe pra caralho. Se o inferno é embaixo da terra ele está muito mais próximo. Temia a ira de Deus, mas tinha vontade de conhecer o Diabo, faria um pacto com ele para ter tudo na terra. Ao perceber a proximidade da morte, se arrependeria de todos os pecados, ganharia dos dois lados. Foda seria se morresse de repente. Resolveu parar de pensar em besteiras. Voltou para perto dos amigos.

Marreco foi criado no morro da Cachoeirinha. Quis ser bandido para ser temido por todos, assim como foram os bandidos do lugar onde morou. Os bichos-soltos botavam tanta moral que o medroso do seu pai não tinha a coragem nem de olhar nos olhos deles. Gostava do jeito dos malandros falarem, da forma como se vestiam. Quando saía para comprar alguma coisa, torcia para ter batucada na birosca para ficar escutando os sambas de partido alto cantados pelos malândros. Até os quinze anos, foi obrigado a freqüentar a igreja da Assembléia de Deus. Sempre dizia aos pais que não gostava daquela vida de

Copyright © 1997 by Paulo Lins

Indicação editorial:
Alba Zaluar e Roberto Schwarz

Capa:
Silvia Ribeiro

Foto de capa:
Bel Pedrosa

Assistência editorial:
José Geraldo Couto

Preparação:
Carlos Alberto Inada

Revisão:
Carmen S. da Costa
Cecília Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Lins, Paulo
Cidade de Deus / Paulo Lins. — São Paulo : Companhia das Letras, 1997.

ISBN 85-7164-680-5

1. Romance brasileiro I. Título.

97-2715

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. Século 20 : Romances : Literatura brasileira 869.935

1997

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 72

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (011) 866-0801

Fax: (011) 866-0814

e-mail: coletas@mtecnetsp.com.br

Para
Mariana Silva Lins,
Frederico Cesar de Souza Lins,
Sônia Lins e
Amélia Maria de Lins (In memoriam)